

OS TEMPOS HIPERMODERNOS, DE GILLES LIPOVETSKY

BCH-UFG
PERIÓDICOS

O ambiente efêmero e descontraído da pós-modernidade acabou. Ao menos é isso o que Lipovetsky indica em *Os tempos hipermodernos*. Para ele, adentramos agora uma nova fase da modernidade, caracterizada pelo processo desestabilizador da globalização e da cobrança de uma eficácia individual, cada vez maior, sob bases emocionais precárias. Lipovetsky se propõe a realizar um estudo de uma questão típica das ciências sociais: a relação do homem com uma civilização em permanente processo de mutação.

O livro está dividido em três partes: a primeira corresponde a uma introdução ao pensamento de Lipovetsky por Sebastián Charles; na segunda parte, Lipovetsky formula as bases de seu conceito de hipermodernidade e, na parte final, o leitor é conduzido a uma entrevista, através da qual Charles explora o percurso intelectual de Lipovetsky, situando-o em relação aos principais acontecimentos políticos que acompanham sua trajetória como pensador contemporâneo. Organizado dessa forma, o livro possibilita uma privilegiada imersão no pensamento do autor, ao mesmo tempo em que o leitor pode tomar conhecimento de uma bibliografia minuciosa de livros e artigos publicados por Lipovetsky.

No início do século XX, quando Freud escreveu *O Mal-Estar na Civilização*, ele sugeriu que o homem moderno havia renunciado a seus instintos em troca de segurança. A supressão momentânea da sexualidade e da agressividade seria o caminho para a conquista da felicidade.

DE GILLES LIPOVETSKY

Os tempos hipermodernos
São Paulo: Editora Barcarolla,
2004. 129 p.

Por Leonardo de Araújo e Mota

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em
Sociologia da Universidade Federal do Ceará.
Bolsista da CAPES.

Tal contexto caracterizava-se por uma contenção dos desejos, com vistas a um suposto bem-estar futuro e essa repressão seria a causa do mal-estar que assolava a civilização¹.

Zygmunt Bauman,
em *O Mal-estar da Pós-*

modernidade, atenta para o fato de que, ao contrário do que Freud diagnosticou quase um século atrás, a busca por segurança tornou-se uma heresia nos dias atuais. Na medida em que a perseguição da segurança era premissa básica do processo civilizatório no início do século XX, a demanda atual por liberdade total reverteu essa situação, mesmo que o preço a pagar seja a insegurança endêmica. Portanto, "se obscuros e monótonos dias assombravam os que procuravam a segurança, noites insones são a desgraça dos livres"².

Em A era do vazio, Lipovetsky observou que "o ideal moderno de subordinação do individual às regras racionais foi pulverizado"³. A sociedade pós-moderna baseia-se num processo social onde a realização pessoal adquire proeminência e as antigas utopias são esvaziadas. A militância política, a revolução, bem como outros ideais característicos de um tipo de sociedade uniforme e coercitiva não pertencem mais ao ambiente pós-moderno. Essa nova fase da modernidade caracterizava-se por uma demanda ampliada de satisfação dos desejos, do culto à subjetividade e da indiferença descontraída. Trata-se de um novo individualismo que tem por base a lógica da sociedade de consumo, onde os discursos são formulados na primeira pessoa. Instaure-se, assim, um vazio político, sobre o qual

se ergue o narcisismo como novo parâmetro moral. No entanto, isso não provoca nos indivíduos sentimentos insuportáveis, pois a participação é ampliada através de outras instâncias resultantes desses novos processos de individualização.

Para Lipovestky, essa situação transforma-se radicalmente na transição para a hipermodernidade. O ambiente descontraído de *A era do vazio* não pôde mais se sustentar frente à falência do Estado do bem-estar, ao desemprego e à revolução da informática que caracterizam o processo de globalização. Narciso, agora, está acuado e com medo. O perfil de uma sociedade do efêmero e da abundância deu lugar ao receio das demissões, da precarização do trabalho e a uma sociedade que pretende fazer cada vez mais, com cada vez menos. O indivíduo hipermoderno ainda continua na primeira pessoa, mas agora enfrenta a ruína psicológica frente a um contexto de permanentes incertezas.

Segundo Lipovetsky,

(...) deixado a si mesmo, desinserido, o indivíduo se vê privado dos esquemas sociais estruturantes que o dotavam de forças interiores que lhe possibilitavam fazer frente às desventuras da existência. À desregulação institucional generalizada correspondem as perturbações do estado de ânimo, a crescente desorganização das personalidades, a multiplicação de distúrbios psicológicos e de discursos queixosos (...). Assim, a época ultramoderna vê desenvolver-se o domínio técnico sobre o espaço-tempo, mas declinarem as forças interiores do indivíduo. Quanto menos as normas coletivas nos regem nos detalhes, mais o indivíduo se mostra tendencialmente fraco e desestabilizado. Quanto mais o indivíduo é cambiante, mais surgem manifestações de esgotamentos e "panes" subjetivas (p. 84).

No início da introdução ao pensamento de Lipovetsky, Charles lembra ao leitor que a

condenação do presente não representa uma novidade e que, numa perspectiva histórica, é a crítica mais comum feita por escritores, filósofos e poetas, desde tempos imemoriais. A hipermodernidade representa mais uma conseqüência direta do fim dos "trinta anos gloriosos" (1945-1973) e de suas benesses que uma previsão apocalíptica. O mal-estar desta nova fase da modernidade, portanto, remete ao declínio de um período anterior de crescimento do capitalismo, no qual se verificou uma expansão da renda e qualidade de vida dos trabalhadores, principalmente nos países desenvolvidos.

A atual precariedade da existência humana decorre, agora, da condição de permanente urgência e imediatismo que predomina nas relações sociais. Palavras como flexibilidade, rentabilidade, *just in time* e atraso zero ilustram bem essa condição. No entanto, embora essa febre competitiva clame por resultados e lucros cada vez maiores, ela acarreta um grande paradoxo: enquanto alguns poucos indivíduos são obrigados a trabalhar freneticamente para garantir suas posições, muitos outros estão condenados ao ócio. Lipovetsky exemplifica este dilema, discorrendo sobre a indecisão dos jovens franceses na escolha de suas carreiras em face do desemprego, ao passo que seus pais também vivem sob constante ameaça de extinção de seus postos.

Comentando Lipovetsky, Charles observa que

(...) a desagregação do mundo da tradição é vivida não mais sob o regime da emancipação, e sim sob o da tensão nervosa. É o medo o que importa e o que domina em face de um futuro incerto; de uma lógica da globalização que se exerce independentemente dos indivíduos; de uma competição liberal exacerbada; de um desenvolvimento desenfreado das tecnologias da informação; de uma precarização do emprego; e de uma estagnação inquietante do desemprego num nível elevado (p. 28).

Como resultado, no universo incerto da hipermodernidade, observa-se um culto às tradições do passado, ao patrimônio histórico que agora também se reveste de uma lógica mercantil: lembranças e reminiscências do passado são comercializadas em alta escala. Lipovetsky também observa o avanço do “fundamentalismo”, como defesa às investidas da globalização e do conseqüente desmonte da proteção social. Cresce o interesse pelas religiões, desta vez mais individualizadas e adaptadas, para atender a grande demanda gerada pelas crises pessoais dos adeptos. Neste meio termo, surge uma ideologia de culto à saúde e à longevidade, quando muitos indivíduos passam a corrigir seus antigos hábitos e medicalizar suas existências, para não sucumbirem ao mal-estar.

Mas, todo esse frenesi para escapar ao caos gerado pela desintegração das personalidades, não reduz os efeitos de uma lógica instrumental que clama por uma eficácia cada vez maior. Aliás, a própria sociedade mercantilista da hipermodernidade favorece o consumo de produtos destinados a atenuar o mal-estar. A febre de compras representa um sistema de compensação hoje bastante utilizado, uma fuga à rotina caótica do mercado total. “A compulsão presentista do consumo mais o retraimento do horizonte temporal até constituem um sistema” (p. 79).

Se a pós-modernidade representou um período caracterizado pelo hedonismo, a hipermodernidade representa o culto à performance, ao cálculo e à eficácia. A primeira gerou um narcisismo cool e liberal, a segunda promove um tipo de narcisismo mais comprometido com a técnica e obcecado pela idéia de sucesso pessoal. O segundo Narciso, embora conserve a flexibilidade característica da fase pós-moderna, tornou-se mais sensato e competitivo, ainda que à custa de estafas e depressões cada vez mais freqüentes.

Em sua análise da sociedade contemporânea, Lipovetsky desmistifica a idéia segundo a qual estruturas normativas coletivas seriam mais

prejudiciais que o culto à produtividade e à competitividade que caracterizam a hipermodernidade. Se a humanidade conseguiu livrar-se de muitos regimes totalitários, o fomento de uma liberdade sem limites também não proporcionou o surgimento de uma ordem social mais justa. Durkheim, a propósito, já observara que uma sociedade regida unicamente por trocas mercantis não produz solidariedade, mas antes instala um círculo egoísta de convivência que inibe o laço social⁴.

No pano de fundo do conceito de hipermodernidade, atualiza-se uma interrogação que inquieta a Sociologia desde os clássicos: somos mais felizes com os nossos desejos individuais liberados ou contidos? Segundo Lipovetsky, a hipermodernidade representa uma fase avançada da modernidade, mas que não poderá sustentar-se indefinidamente. Isso porque as tensões que ela engendra não conseguem produzir a felicidade almejada pelas práticas de consumo, tampouco solidariedade necessária para uma coexistência social saudável. Ao invés disso, a hipermodernidade pode produzir uma tensão quase insuportável, o que não condiz com qualquer projeto humanista.

Todavia, cabe ressaltar que o conceito de hipermodernidade não comunga as concepções do niilismo moderno, pois,

(...) quanto mais se impõe a mercantilização da vida, mais celebramos os direitos do homem. Ao mesmo tempo, o voluntariado, o amor e a amizade são valores que se perpetuam e até se reforçam. Ainda que se generalizem as trocas pagas, nossa humanidade afetiva, sentimental, empática, não está ameaçada (p. 122).

Sempre que surge um novo conceito nas ciências sociais, ele geralmente desperta a desconfiança da possibilidade de um tema antigo estar sendo ressuscitado sob a roupagem de um novo termo. Em decorrência disto, alguns

intelectuais não aceitam o termo globalização, argumentando tratar-se apenas da descrição de uma fase avançada do imperialismo que, de novo, não tem nada⁵. O mesmo julgamento poderia ser aplicado ao conceito de hipermodernidade e creio que tais controvérsias logo surgirão. Entretanto, esse componente não subtrai o valor heurístico do texto de Lipovetsky.

A leitura de *Os tempos hipermodernos* proporciona uma reflexão apurada da crise existencial contemporânea e de como esta ameaça, cada vez mais, a saúde psicológica de milhares de indivíduos, pois se nos livramos das amarras das tradições e nos tornamos “emancipados”, cabe agora refletir como a exacerbação dos nossos desejos por felicidade privada pode, também, provocar o seu avesso.

Notas

- ¹ FREUD, Sigmund (1997). *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago.
- ² BAUMAN, Zigmunt (1998). *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ³ LIPOVETSKY, Gilles (1989). *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'água, p. 9.
- ⁴ DURKHEIM, Émile (1995). *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes.
- ⁵ Cf. HELD, David e MCGREW, Anthony (2001). *Prós e contras da globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.